

A CONTEMPORANEIDADE ACERCA DA ADOLESCÊNCIA E A SEXUALIDADE

Tatiane Cristina da Silva

Delza Ferreira Mendes¹

RESUMO

A sexualidade na adolescência contemporânea apresenta diversas configurações as quais levam o adolescente a permanecer na ilusão de imagens, incentivando-o a vivenciar a sexualidade no corpo e não em si por completo. O objetivo da pesquisa foi compreender como o adolescente contemporâneo lida com a sexualidade, e para isto foi utilizada como metodologia a revisão de literatura. O estudo apontou que a sexualidade é um dispositivo histórico e cultural, a qual tem características diferenciadas em cada sociedade. Evidenciou também que a adolescência é um período de transição caracterizada por diversas perdas e significativas mudanças, visando a construção do sujeito. E ficou claro ainda que a sexualidade na adolescência conceitua-se a partir da relação do adolescente com o próprio corpo, com a mente e no relacionamento com os outros. Compreende-se que o adolescente contemporâneo apresenta diversos dilemas, sendo assim a psicologia tem o papel de auxiliá-lo no enfrentamento de barreiras.

Palavras-chave: Sexualidade. Adolescência. Psicanálise.

ABSTRACT

Contemporary sexuality in adolescence has several variables which cause the teen to remain in disillusion, encouraging them to experience sexuality superficially rather than a complete experience. The objective of the research was to understand how the adolescent deals with contemporary sexuality and was utilized as a methodology and review of literature. The study pointed out that sexuality is both a cultural and historic disposition that diversifies through out society. It is also evident that adolescence is a transitional period characterized by several losses and significant changes in order to construct the individual. It is clear that sexuality is conceptualized in adolescence from the relationship with the teenager's own body, mind, and relationships with others. Understand that the contemporary adolescent presents many dilemmas, so psychology helps them face these barriers.

Key Words: Sexuality. Adolescence. Psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade não é apenas o ato sexual em si, e sim um fenômeno do ser humano permeado por sentimentos, emoções e sensações ligadas ao prazer. Compreende-se que esta é vivenciada desde o nascimento até a morte, porém é possível destacar que na transição da infância para a vida adulta, momento o qual é definido como adolescência, as

¹ Endereço eletrônico de contato: delzafm@yahoo.com.br

características sexuais tornam se mais evidentes devido as mudanças biopsicossociais decorrentes desse período que leva o indivíduo a vivenciar a sexualidade de forma intensificada.

Porém este período traz sobrecarga para o adolescente que atualmente vivencia a cultura consumista, devendo estar dentro dos padrões que a mídia contemporânea prega, a imagem do corpo perfeito, sendo que qualquer desvio desse padrão se torna motivo de revolta, depressão e mal estar. Mal estar este que faz com que o indivíduo camufle seus próprios desejos e consuma a ideia de que deve ser idêntico ao outro. Braga⁽¹⁾ enfatiza que a sociedade contemporânea se preocupa problemas relacionados à reprodução, por exemplo, gravidez precoce e em orientar os adolescentes em relação a doenças sexualmente transmissíveis, mas não considera a sexualidade como fator de encontro consigo mesmo e com seu bem estar.

A pergunta norteadora desse trabalho foi: na adolescência, qual o papel da sexualidade nas relações, na ética das regras sociais e na interdição do prazer a qual gera sentimento de culpa, na atualidade? Porém no decorrer da pesquisa percebeu se a necessidade de mudar a questão inicial de sentimento de culpa para a questão do mal estar, devido a percepção de que surge no ser humano, através da cultura, da mídia e da tecnologia, um sentimento de culpa, porém esse sentimento é expresso através do mal estar. Os objetivos desta pesquisa foram basicamente conceitualização da sexualidade, delineando o desenvolvimento do adolescente e como ele lida com a sexualidade. E ainda discutir sobre o papel da sexualidade nas relações e na ética das regras sociais, visando compreender qual o sentimento do adolescente quanto a vivência da sexualidade na atualidade e qual a contribuição o psicólogo pode oferecer ao adolescente neste aspecto.

O artigo foi realizado através de revisão de literatura, utilizando livros, artigos, periódicos, monografias e teses escritos durante o período de 2000 a 2012, sendo os livros encontrados na biblioteca da instituição e os demais materiais em sites de pesquisas acadêmicas: Scielo, bireme, pepsic, lilacs, capes e sites de instituições de ensino superior. As palavras chaves usadas para busca de materiais foram: sexualidade, adolescência, culpa e mal estar. A coleta de material foi realizada de outubro de 2011 a agosto de 2012.

A presente pesquisa encontra se estruturada em três seções, sendo que, inicia bordando a sexualidade desde os primórdios até a atualidade, passando por diferentes culturas, destacando a sexualidade no Brasil. Em seguida focaliza se na Volume 1, Número 1 – Abril, 2015.

conceituação de adolescência, apontando aspectos referentes ao desenvolvimento do adolescente e por fim enfoca se na recente configuração que surge lentamente, enfatizando a cultura do corpo e quais as consequências essa nova configuração traz para o adolescente.

2 BREVE RELATO DA HISTÓRIA DA SEXUALIDADE

A sexualidade é um fenômeno da existência humana, a qual se caracteriza por aquilo que entendemos como masculino e feminino e manifesta se desde o nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento, construindo-se ao longo da vida. Neste contexto os sentimentos e informações desencadeiam aquilo que nomeia se sexualidade individual, e que se desmembra em vários pontos: os comportamentos diante da vida, o ato sexual em si, atração que sentida por alguém, os desejos de felicidade e prazer, os preconceitos e valores morais, o corpo e o modo como o percebe.⁽²⁾

Segundo Cano et al.⁽³⁾ a atividade sexual nos primórdios da civilização era vivido de forma livre entre homens e mulheres, sem que isso tivesse um caráter promiscuo, portanto os filhos descendiam apenas da linhagem materna. Com o passar do tempo, devido ao grande acúmulo de bens dos clãs, os quais eram formados por grupos familiares, surgiram as primeiras sociedades privadas e as relações sexuais passaram a ser exercidas por casais. O sexo passou a ser apenas meio de reprodução, dotado de princípios morais e religiosos, herdados do povo hebreu, a virgindade começou a ser exigida à mulher e a castidade era enaltecida em ambos os sexos.

Com o processo de modernização da sociedade e da ascensão da burguesia, a partir do século XVI, a sexualidade foi ainda mais influenciada pela igreja.⁽³⁾ Para Foucault⁽⁴⁾ neste período, a igreja católica obrigava seus fiéis a confessarem tudo o que estava envolvido no jogo dos prazeres, sentimentos, pensamentos e desejos. Porém devia-se estar atento à linguagem utilizada, depurando como forma de não mencionar o sexo diretamente, ou seja, o sexo é encurralado por um discurso que não pretende lhe permitir anonimato e nem sossego.

Araújo (5) destaca que possivelmente a vida sexual, tanto dos casados como dos solteiros, foi regida pelos preceitos da moral cristã, pelo menos até o século XVIII ou mesmo até a Revolução Francesa.

De acordo com Foucault⁽⁴⁾ “[...] por volta do século XVIII surge uma incitação política, econômica, técnica, a falar do sexo.” Quanto a isto Müller⁽⁶⁾ ressalta que no início desse século, o problema da sexualidade não estava ligado ao ato sexual em si e nem às orgias, mas ao trânsito de influências, ou seja, ao poder. Para Foucault⁽⁴⁾ no século XVIII definiu se o

conceito de população e este fato torna se gerador das primeiras preocupações políticas e econômicas em relação ao sexo a qual percebe se que pela primeira vez a sociedade se interessa pela forma como cada um usa seu sexo.

Trevisan⁽⁷⁾ enfatiza que é a partir do temor da superpopulação que surgem as preocupações com a taxa de natalidade, a idade do casamento, os nascimentos legítimos e ilegítimos, a frequência das relações sexuais, a incidência das práticas contraceptivas, o celibato e assim por diante.

A partir do século XVIII surge também o amor romântico, na Europa, o qual vincula a ideia de liberdade para buscar um companheiro ideal, neste período o sexo e amor se unem, este começa a fazer parte do casamento devido à liberdade de escolha.⁽³⁾

Segundo Loyola⁽⁸⁾ a sexualidade no século XX foi caracterizada pela grande interferência da medicina nesta área, em dois polos se entrecruzam, por um lado o desenvolvimento das tecnologias reprodutivas, conjunto de técnicas contraceptivas e conceptivas utilizadas para impedir ou realizar a reprodução humana, e por outro a imensa vontade de saber, seja na psicanalise, na pedagogia, ou ciências sociais, como as profundas transformações que ocorreram nas últimas décadas, vêm afetando múltiplas dimensões da vida de mulheres e de homens, alterando as percepções, as práticas e as identidades sexuais as quais teriam que ser levadas em consideração.

Portanto a sexualidade é algo vivido desde os primórdios, mas que começou a ser estudada de forma objetiva somente nas últimas centenas de anos, mais precisamente quando as crenças religiosas e os códigos morais enfraqueceram e as ciências empíricas, como a psicologia e a medicina, ganharam força.⁽⁷⁾

Foucault⁽⁴⁾ afirma que “[...] o que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando o como segredo.”

Pereira⁽⁹⁾ coloca que apesar da sexualidade apresentar caráter singular no seu exercício, é apropriado e necessário chamar a atenção para o fato de a sexualidade ir além das referências individuais e partir ao encontro do outro, ou melhor, dos outros, tornando-se um elemento de definições e enlaces sociais. Heilborn⁽¹⁰⁾ completa que “as práticas sexuais se diferenciam no interior de cada sociedade, variando de acordo com os referenciais dos diversos segmentos sociais que a compõem.” E aponta ainda que o exercício da sexualidade está relacionada ao modo como as relações de gênero estão organizadas em um determinado contexto, ou seja, a sexualidade é vivenciada de acordo com os papéis que a sociedade determina ao indivíduo.

Pode se acrescentar que a sexualidade é um dispositivo histórico, ou seja, é uma invenção social, uma vez que se constitui a partir de múltiplos discursos sobre o sexo, Volume 1, Número 1 – Abril, 2015.

discursos estes que regulam, normatizam, instauram saberes e produzem verdades. Por isso a sexualidade é além de uma preocupação individual, uma questão claramente crítica e política, a qual necessita se, portanto uma investigação e uma análise histórica e sociológica cuidadosa^(4,11).

2.1 Constituição da Sexualidade no Brasil

Na sociedade Brasileira, devido às influências portuguesas na colonização, a sexualidade evoluiu de forma semelhante à Europa, onde devido às regras sociais em vigor, esta era exercida dentro do casamento e visando apenas a reprodução⁽³⁾.

Segundo Heilborn⁽¹⁰⁾ o Brasil colônia era considerado uma terra sem rei e sem lei, sendo considerado um país sem moralidade sexual. Quanto ao modelo familiar vigente encontra-se o de família patriarcal, o qual era caracterizado pelo poder do homem e a passividade da mulher, percebe-se que neste modelo era permitido ao homem o prazer e desejo sexual com prostitutas ou mulheres pobres. A esposa por sua vez, mantinha uma posição social de destaque, apresentando-se esta como uma dama, porém limitada a uma condição anti-sexual, restrita a reprodução, observa-se também que esta educação era passada de mãe para filha.

Este modelo de família favoreceu a construção de uma ideologia onde o homem é visto como um ser forte, superior e ativo e a mulher um ser inferior, dócil, bela e desejada, sujeita a total dominação masculina⁽³⁾.

Este modelo patriarcal permaneceu até a década de 50, quando ocorreu o movimento feminista, o qual clama por direito ao voto e ao trabalho sem autorização do marido. Cano et al.⁽³⁾ relatam que surge também nesse período a revolução sexual, um movimento o qual os jovens contestavam ao modelo social vigente, propagando então uma nova concepção de sexo sem compromisso, o uso de drogas e novos hábitos de vestir e falar. Posteriormente surge o movimento hippie e a liberação sexual da mulher com o uso da pílula anticoncepcional.

“Ao redor dos anos 60, um novo liberalismo (permissividade) parecia dividido entre um relaxamento dos velhos códigos sociais autoritários e a descoberta de novos modos de regulação social.”⁽¹¹⁾. Teixeira⁽¹²⁾ enfatiza que neste período acreditava-se que o liberalismo sexual iria libertar toda a sociedade da opressão, tornando assim uma sociedade sexualizada na qual o sexo deveria ser praticado frequente e intensamente.

Os primeiros estudos voltados diretamente à sexualidade, realizados no Brasil começaram a surgir entre as décadas de 70 e 80. Eram basicamente voltados para o estudo do homossexualismo, da identidade sexual e do conhecimento do mundo homossexual⁽¹³⁾.

Teixeira⁽¹²⁾ aponta que as décadas de 80 e 90 foram mais silenciosas e que a sexualidade nos anos 90 não visava à busca do prazer e da felicidade, e sim de modo negativo como fonte de abusos de violência, de desigualdade, de opressão e de infecção mortal.

Na tentativa de gradualmente cobrir as lacunas existentes com a falta de estudos sobre a sexualidade no Brasil, iniciativas importantes marcaram este período, como o crescente número de organizações de base comunitária direcionadas à saúde reprodutiva e grupos de ativismo gay que emergem, tornando a questão da sexualidade uma área chave de preocupação e de reivindicação de direitos. É neste cenário que surge a AIDS, uma doença cuja transmissão se dá por vias que, para a ciência, ainda eram consideradas da ordem do obscuro, isto é, o sexo e o uso de drogas injetáveis.⁽¹⁴⁾

Para Teixeira⁽¹²⁾ todas as transformações que ocorreram afetaram, sem dúvida, a maneira de se viver e de se construir identidades de gênero e sexuais. Com certeza essas transformações constituem novas formas de existência para todos, mesmo para aqueles que as experimentam de modo indireto.

No Brasil contemporâneo, há o confronto entre a ignorância com conhecimento e informação. Surgem então formas de educação sexual diferenciadas, diante de um novo olhar e antigos conceitos são reinterpretados. Porém, mesmo havendo uma reavaliação dos valores sexuais, a forma de perceber e orientar a vida sexual, no Brasil, continua inalterada, onde as normas da cultura popular ainda prevalecem, os quais entendem sua sexualidade como algo fragmentado e imperfeito.⁽⁷⁾

3 CARACTERIZANDO A ADOLESCÊNCIA

Atualmente a adolescência é conceitualizada como o período intermediário entre a infância e a vida adulta, sendo caracterizada a partir de perspectivas distintas: biológica, psicológica, jurídica e sociocultural, a qual inicia se com os primeiros indícios físicos da maturidade sexual e termina com a realização social da situação de adulto independente.⁽⁹⁾ Para Coutinho⁽¹⁵⁾ a adolescência é considerada basicamente como um momento lógico, acompanhado das transformações corporais da puberdade e das novas exigências pulsionais expostas ao sujeito, obrigando-o a um intenso trabalho psíquico. Caridade⁽¹⁶⁾ aponta que a adolescência é um estágio permeado por conflitos, dúvidas, inquietações e mal-estar.

Azevedo⁽¹⁷⁾ relata que “[...] a adolescência é a etapa da vida durante a qual o ser humano deixa de ser criança, abandona o universo psicossocial infantil, iniciando um processo característico de entrada para a vida adulta.” Deste modo percebe se que a adolescência é caracterizada pelas significativas perdas, em que se deixa o corpo infantil e em que se adquire um novo corpo, agora de adulto, sendo que este novo corpo obtém

capacidade reprodutiva, para Savietto e Cardoso⁽¹⁸⁾ ser adolescente então, significa ser capaz de efetivar uma relação sexual genital e de conceber um filho.

Segundo Lepre⁽¹⁹⁾ as mudanças corporais são consideradas universais, porém com algumas variações, portanto as alterações físicas ocorrem em todos os indivíduos, independente da cultura, o que pode se perceber de divergência é a idade em que essas mudanças acontecem.

Emocionalmente, o processo transitório gera no adolescente, sentimentos contraditórios, o que faz com que o adolescente moderno seja visto como um ser de paradoxos, o qual num momento quer ser totalmente autônomo, entretanto logo em seguida requer os pais para os atos corriqueiros do cotidiano, enunciam verdades absolutas e ao mesmo tempo dúvida de si próprio.⁽²⁰⁾ Lepre⁽¹⁹⁾ relata que esta fase de transição inclui ideias megalomaniacas, a qual faz com que o indivíduo sinta se superior aos outros, imaginando ter o poder de mudar o mundo.

Considerando o desenvolvimento biológico e emocional do adolescente, para assinalar o início da idade adulta, observa se ainda a necessidade de ser capaz de assumir a responsabilidade dos seus atos⁽²⁰⁾.

Frente a tão laborioso percurso o fenômeno da adolescência pode ser conceituado em uma dupla vertente. A vertente da realidade interna, pelos lutos que precisa viver dos primeiros objetos de amor e da imagem do corpo que se transforma. A vertente externa, nas demandas culturais, em uma contemporaneidade que engloba a cultura do corpo e da imagem, o consumismo, a evolução massiva da globalização, os avanços tecnológicos e o individualismo⁽²¹⁾.

No senso comum a adolescência é um período colorido, cheio de esperanças quanto ao futuro, onde são realizadas diversas escolhas, como a escolha profissional e a escolha de um parceiro, porém sabe-se que esta fase exige do indivíduo um duro trabalho de reorganização física e psíquica. Savietto e Cardoso⁽¹⁸⁾ enfatiza que o período da adolescência é marcado por diversos fatores entre eles o mais importante é a conscientização de um novo espaço no mundo, o começo de uma nova realidade que causa confusão de conceitos e prejuízo de algumas realidades. Quanto a isso Garritano e Sadala⁽²¹⁾ assinalam que “[...] viver a adolescência é elaborar a falta do Outro e esta elaboração só se torna possível através de referências estáveis para novas construções.”

Segundo Ferreira e Nelas⁽²⁰⁾ a adolescência tem sofrido algumas alterações ao longo da história em relação à posição dos indivíduos dentro dos grupos e as normas de conduta. Para compreender, o conceito atual de adolescência, pensa-se que seja necessário um resgate histórico do termo, pois este é derivado de movimentos da história.

No império Romano, o nascimento de uma criança não era o suficiente para que esse ocupasse um lugar no mundo, era necessário que o pai o quisesse e o recebesse para que, então, iniciasse sua educação e conseqüente colocação na aristocracia romana. Somente aos quatorze anos o jovem romano abandonava as vestes infantis e passava a ter o direito de fazer o que um jovem gostava de fazer; aos dezessete anos podia entrar para a carreira pública. Não havia uma passagem definida de criança à adolescente, esta fase era decidida pelo pai quando ele decidia ter chegado à hora do impúbere abandonar a infância e tornar-se homem. Na Idade Média o jovem era inserido no mundo adulto, após a cerimônia chamada de barbatória, esse ritual refere-se ao primeiro barbear do rapaz.⁽¹⁹⁾

Ferreira e Nelas⁽²⁰⁾ ressaltam que na antiga Pérsia, realizava-se uma cerimônia para marcar o início da adolescência, nesta celebração os jovens recebiam um cinto de virilidade e faziam um juramento de seguir a lei de Zoroastro e servir ao Estado com fidelidade e heroísmo.

Segundo Grossman⁽²²⁾ na idade média não havia diferenciação entre criança e adultos, a ideia de infância estava ligada à dependência e quando a criança conseguia viver independente da mãe este já poderia entrar para o mundo dos adultos. Considerava-se a infância um período rapidamente ultrapassado, o qual as lembranças eram esquecidas facilmente.

Lepre⁽¹⁹⁾ enfatiza que no século XVIII aparecem as primeiras tentativas de se definir, claramente, a adolescência. E o século XIX segundo Grossman⁽²²⁾ foi marcado pela redefinição do papel social das crianças, onde a criança torna-se pessoa e a infância torna-se um período privilegiado da vida. Ainda neste século há o reconhecimento da adolescência, sendo ela considerada um momento crítico da existência humana, visualizada como um período de turbulência e contestação.

Grossman⁽²²⁾ destaca que no século XX as guerras tornam-se realidade e deixam marcas nos adolescentes, considerando os anos 50 pode-se observar algumas conseqüências dessas marcas, onde começa a urgir nos Estados Unidos um espírito libertador e questionador, chamados de juventude transviada ou rebeldes sem causa, mas foi nos anos 60 que este movimento ganha força e é aderido por jovens de diversos países, surge assim o movimento hippie, delineado por caráter fortemente libertário, caracterizado pela destruição de tudo que estivesse estabelecido e consagrado, ou seja surge uma nova maneira de relacionar com o mundo e com as pessoas, enfim uma nova forma de pensamento.

Trevisan⁽⁷⁾ coloca que esse movimento possibilitou o surgimento de novas percepções sobre a sexualidade, como a rejeição gradativa da crença de que o sexo por prazer é sujo e pecaminoso, o empenho pela conquista da independência sexual (expresso pela possibilidade de escolher com quem manter relações e se elas resultarão numa gravidez ou não) e, o Volume 1, Número 1 – Abril, 2015.

esforço de um número cada vez maior de mulheres que exigiam o direito ao prazer sexual e que lutavam pela dissociação entre mulheres sexualmente ativas e prostitutas.

O século XX é então considerado o século da adolescência no qual surgiu o adolescente moderno, onde concebe-se a definição dos conceitos de puberdade e as mudanças psíquicas, para que a imagem do adolescente atual fosse visualizada.⁽¹⁹⁾

Deste modo Outeiral⁽²³⁾ enfatiza que atualmente ainda existe certa confusão entre os termos adolescência e puberdade. Puberdade seria então um processo biológico caracterizado pelo surgimento de atividade hormonal que desencadeia os chamados caracteres secundários, são observadas nesta fase o crescimento de pêlos pubianos, crescimento dos testículos e aparecimento das mamas. O início da fase da puberdade é variável de pessoa para pessoa, frequentemente para o sexo feminino ocorre entre os nove e treze anos de idade e para o sexo masculino entre dez e quatorze anos de idade. No entanto a puberdade não deve ser confundida como sinônimo da adolescência, e sim que a puberdade faz parte da adolescência.

“A Organização Mundial da Saúde considera a adolescência como constituída em duas fases: a primeira dos 10 aos 16 anos, e a segunda dos 16 aos 20 anos.”⁽²³⁾

Segundo Ferreira e Nelas⁽²⁰⁾ a construção da identidade é uma das tarefas essenciais que desenvolvem na adolescência e é nesta fase que o indivíduo adquire aos poucos uma nova subjetividade, alterando a representação de si e do outro. Braga⁽¹⁾ enfatiza que estabelecer a identidade é elaborar seu próprio autoconceito, sua imagem corporal, seu sistema de valores e saber-se perceber, estar em busca do eu. “Essa busca do eu nos outros na tentativa de obter uma identidade para o seu ego é o que o psicanalista Erik Erikson chamou de crise de identidade.”⁽¹⁹⁾ Para Cruz e Oliveira⁽²⁴⁾ o adolescente deve definir sua identidade em três níveis: Sexual, Profissional e Ideológico, adotando durante esse processo, diversos tipos de identidades, relacionado com as novas aquisições, diante de novas situações ou em função dos grupos aos quais está ligado.

Melo⁽²⁵⁾ relata que Erik Erikson afirmava que um indivíduo deveria constituir a sua personalidade durante a adolescência, porém essa construção ocorre de forma diferenciada entre os indivíduos. Pois é neste período que as construções vindas da infância serão colocadas em questão.⁽¹⁹⁾

Com o processo de construção de identidade o adolescente começa a perceber que os valores e a forma de vida de sua família não são os únicos possíveis e conforme caminha rumo à maturidade emocional, social e sexual, este desloca para os melhores amigos e namorados alguns vínculos afetivos que eram exclusivamente familiares.⁽²⁴⁾

Segundo Azevedo⁽¹⁷⁾ “Essa é uma etapa da vida na qual a personalidade está em fase final de estruturação e a sexualidade se insere, nesse processo, sobretudo como elemento estruturador da identidade do adolescente.” Taquette⁽²⁶⁾ aponta que durante este período de identificação observa-se uma fase de homossexualidade, em que as meninas compartilham com suas amigas confidências e intimidades e os meninos buscam parceiros para brincadeiras e vivências. Esta é uma fase de experimentação sexual, que geralmente não implica na identidade sexual adulta futura.

É na adolescência que a identidade sexual a qual inicia sua organização desde o nascimento, adquire caráter definitivo, adquirindo conseqüentemente o espaço social de homem ou de mulher^(23,24).

Anterior à adolescência, situa-se um período nomeado por Freud como latência, por nele se constatar uma certa inibição das pulsões sexuais que impulsionaram as fantasias construídas no tempo da infância. Na adolescência, há o despertar dessas fantasias adormecidas, em concomitância com a retomada da construção do saber sobre o sexo.⁽²¹⁾

Pereira⁽⁹⁾ enfatiza que a sexualidade é um dos aspectos da vida do adolescente que frequentemente é apontado como motivo de preocupação relativo à incidência de gravidez, AIDS, abuso e violência sexual, prostituição e prejuízos nos projetos de vida.

De acordo com Garritano e Sadala⁽²¹⁾ pode-se compreender que a adolescência é um fenômeno que juntamente com a puberdade apresenta aspectos constantes e alguns variáveis, estando estes relacionados a história e a cultura, ou seja, acredita-se que a adolescência possa ser reconhecida como um elemento cultural articulado à construção do sujeito.

4 SEXUALIDADE E MAL-ESTAR NA ADOLESCÊNCIA

Na pesquisa de Abramovay et al.⁽²⁷⁾ pode-se observar que a iniciação sexual atualmente ocorre por volta dos 10 e 14 anos no sexo masculino e entre os 15 e 19 anos no sexo feminino, sendo então que a idade média de ocorrência deste evento é relativamente mais baixa entre os meninos comparado com as meninas. A pesquisa ressalta também que para os jovens hoje, a virgindade não tem importância nenhuma sendo considerado por eles como coisa do passado.

Outro aspecto relevante apresentado na pesquisa mencionada anteriormente é quanto ao ficar e namorar, o qual mostra que atualmente os jovens preferem as interações afetivas do ficar, devido à fluidez dos acordos, uma vez que o ficar é caracterizado pela

superficialidade e ausência de compromisso. Caridade⁽²⁸⁾ destaca que “Na ética adolescente, ficar significa não ficar, não ter compromisso com amanhã, não criar vínculos definitivos.” Este tipo de relacionamento afetivo, com certeza é o aspecto mais significativo da cultura adolescente na atualidade, o qual apresenta necessidade de se envolver, porém tem medo de se entregar^(29,30). Cruz e Oliveira⁽²⁴⁾ relatam que o ficar é uma forma dos adolescentes descobrirem as vantagens e as desvantagens que o relacionamento afetivo e o jogo sexual com o sexo oposto tem para oferecer.

Azevedo⁽¹⁷⁾ destaca que o que determina a construção saudável ou não do exercício da sexualidade são as escolhas feitas pelos jovens num momento de conflito como o qual é a adolescência. Neste sentido Costa et al.⁽²⁹⁾ acrescentam que “[...] na adolescência, a vivência da sexualidade é como um caminho no qual a evolução e a maturidade vão determinar o itinerário.”

Para Cruz e Oliveira⁽²⁴⁾ quanto a vivência da sexualidade, percebe-se que surgem expectativas e cobranças diferenciadas quanto ao gênero, as quais tanto os indivíduos do sexo masculino quanto do sexo feminino atentam ao discurso familiar e social, ou seja, para os meninos determina-se a liberdade e para as meninas a repressão, sendo que nesse caso, principalmente os garotos ficam inseguros de como lidar com todo o seu desejo.

Costa⁽²⁹⁾ aponta que os rapazes, inicialmente, mantêm os impulsos sexuais bastante separados da noção de amor, sendo assim o desejo sexual é localizado nos órgãos genitais e necessita na maioria das vezes alívio rápido. Já nas moças, o amor tem prioridade sobre a genitalidade. Quanto a isto Cruz e Oliveira⁽²⁴⁾ completam que para o rapaz espera-se o sexo perfeito, já entre as meninas, os sentimentos sexuais adquirem características mais relacionadas com a autoestima, afirmação, afeição e amor. Portanto compreende-se que os rapazes ainda fazem sexo pela satisfação física, e as moças, para serem amadas. Quanto a esta questão Pereira (2002. p. 04) indaga “Como é possível haver encontro amoroso entre dois seres onde um deles é educado para vivenciar livremente sua sexualidade e, outro, educado para reprimi-la?”

Esta é uma questão a ser refletida, contudo a partir das mudanças ocorridas percebe-se o surgimento lento de uma nova configuração, a qual a sociedade transfere para o jovem a responsabilidade pela própria conduta sexual ao invés de exercer ativamente o papel controlador, quanto a este sistema inovador dos valores sexuais. Cano, Ferriani e Gomes⁽³⁾ destacam que “Antigamente as famílias não tinham muitas dúvidas em saber o que era certo ou errado; o que podiam permitir ou não.” De acordo com Cruz e Oliveira⁽²⁴⁾ a sociedade no geral ainda apresenta dificuldade em aceitar as modificações na concepção de sexualidade e, sobretudo não sabe como acompanhá-la adequadamente.

Sendo assim, houve uma verdadeira avalanche de mudanças no contexto da moral sexual e, muitas vezes, as pessoas veem-se perdidas, sem saber o que pensar ou mesmo como agir⁽¹⁷⁾. Justo⁽³⁰⁾ enfatiza que na contemporaneidade:

A cultura do descartável, assentada no consumismo, invade as subjetividades solapando as clássicas figuras da identidade que destacam a estabilidade e a solidez [...] antes a sexualidade era colocada a serviço de um projeto de vida ou de um relacionamento, ou seja, orientava-se para a consecução de outros objetivos além do próprio prazer sexual, hoje está desconectada de outras buscas, cumprindo uma finalidade puramente hedonista.

Pode se entender então que diante dessa cultura consumista o adolescente vivencia diversos dilemas, pois segundo Cruz e Oliveira⁽²⁴⁾ a sociedade contemporânea influencia o jovem a se completar, a consumir passivamente o que lhe falta na vida real através de imagens, imagem esta a qual a mídia torna se imprescindível, e conseqüentemente fazendo com que o indivíduo fique alienado, deixando de viver, consumindo imagens e ilusão. As mesmas autoras enfatizam que “Já não é preciso ler, pensar, refletir, basta ver e isso é por excelência alienante.” (p. 62). Isso faz com que o adolescente seja instigado a permanecer na periferia de si mesmo, sendo difícil a construção dos projetos pessoais devido a esse embotamento reflexivo que desmotiva o adolescente a se ver como alguém de valor, desvalorizando então a si mesmo e a vida. Na autodesvalorização automaticamente ele banaliza também o outro⁽²⁸⁾.

Portanto enfatiza se que a sociedade moderna, principalmente a brasileira, através dos meios de comunicação incentiva as atitudes de liberação sexual e a permissividade. Porém, se de um lado encontra se o acesso a informações, por outro, depara se a ordem moral e as posturas valorizadas pela família. Diante desse paradoxo observa se então que o desejo e a vontade, dão lugar a insegurança e ao medo⁽¹⁷⁾. Cruz e Oliveira⁽²⁴⁾ ressaltam que “[...] esse é o contexto pós-moderno da vivência do sexo: liberdade e insegurança”.

Considerando que “[...] o capitalismo envolveu a sexualidade e incorporou à máquina de consumo, o que é refletido no comportamento de vários jovens.” Azevedo⁽¹⁷⁾ completa que esta é uma realidade complexa permeada por liberdade e acesso fácil, onde a rapidez de informações convenientes ou não se multiplicam e encontram um adolescente vulnerável.

“O que pensar como efeitos para o sujeito adolescente considerado como ser-para-o-sexo, numa sociedade que tende a colocar o sujeito no lugar de consumidor?”⁽²¹⁾ Segundo as mesmas autoras quando o adolescente ocupa o lugar de consumidor, passa a ser conduzido pela lógica do consumo e os objetos que este toma para sua satisfação pulsional tornam se mercadoria. A mercadoria normalmente está ligada à quantificação e, se o objeto

é colocado como tal, o que importa é a sua contabilização. Sendo assim o que importa é a quantidade, portanto são contabilizados quantos beijos são dados em uma noite, com quantas pessoas ficou e o número de latas de cerveja ingerida. Para Caridade⁽²⁸⁾ na Sociedade onde se privilegia a aparência e o consumo, é possível que a eleição do outro, na relação erótica, seja, sobretudo a eleição de seu corpo, enquanto lugar de prazer.

Segundo Foglietti⁽³¹⁾ na sociedade atual, a qual a exaltação corporal da juventude é um ideal a ser atingido, a imagem do corpo perfeito torna-se o código de símbolo cultural e passa a ser uma forte referência para o consumo. “A cultura do corpo, altamente impregnada de valores narcísicos, parece estar cooptando o adolescente e seu corpo como paradigma ideal.”⁽²¹⁾ Devido a esta cultura o adolescente nunca está satisfeito com o corpo, estando sempre a procura de algo para se sentir mais próximo dos padrões exigidos pela sociedade. Foglietti⁽³¹⁾ enfatiza que a obsessão pela beleza é tão forte que pequenos defeitos são motivo de vergonha ou depressão.

Garcia⁽³²⁾ destaca que no enfoque psicanalítico, pode-se dizer que existe uma dicotomia entre o que o indivíduo gostaria de ser, chamado de Eu ideal, e o que realmente ele é, reconhecido como o Eu real, acarretando desta forma, o sentimento de culpa pelo fato de ser o que não se é, culpa existencial. “Aquele que sofre de compulsões e proibições, comporta-se como se estivesse dominado por um sentimento de culpa [...]”.⁽³³⁾

Conhecemos assim as duas origens do sentimento de culpa: uma que surge do medo da autoridade, e outra, posterior, que surge do medo do superego. A primeira insiste numa renúncia às satisfações instintivas; a segunda, ao mesmo tempo em que faz isso, exige punição, uma vez que a continuação dos desejos proibidos não pode ser escondida do superego.⁽³⁴⁾

Diante disso pode-se compreender que o adolescente apresenta sentimento de culpa diante da repressão a qual renuncia as satisfações instintivas e do medo do superego, sendo o superego nesse caso a figura da família, a religião, a cultura, a sociedade em si. Segundo Garcia⁽³²⁾ os primeiros sentimentos de culpa são incutidos pelos pais, ainda na infância, através de proibições e ordens, e no decorrer do crescimento da criança, a censura moral, que antes era o papel do pai agora é exercido pelos professores e outras pessoas colocadas em posição de autoridade.

Segundo Costa⁽²⁹⁾ a masturbação e o sexo são fatores os quais geram muita culpa no adolescente, devido ao senso de moralidade, onde estes são considerados: pecado, feio, errado e que o sexo deve ser praticado somente após o casamento.

Este sentimento de culpa na maioria das vezes é manifesto através de um mal estar, Garritano e Sandalla⁽²¹⁾, apontam que “A sexualidade atravessada pela adolescência é marcada pelo mal-estar resultante do registro da falta, do desencontro, da desilusão.” As Volume 1, Número 1 – Abril, 2015.

mesmas autoras relatam que a característica predominante do mal estar é resultado da queda da imagem ideal dos pais, a qual impulsiona o adolescente, a buscar nas identificações com seus pares, e também nos ideais coletivos, alívio frente ao desamparo e horror consequentes do encontro com a castração. Diante desse mal-estar os adolescentes adiam a busca e o reconhecimento do próprio desejo, permanecendo estagnados em uma ilusão de imagens, as quais fazem crer na impossível uniformidade do Outro. Sendo assim “O adolescente passa da submissão passiva do gozo narcísico dos pais para objeto de gozo da cultura, que o mantém preso ao nó da servidão imaginária [...] viver a adolescência é elaborar a falta do Outro [...]”

Para Poian⁽³⁵⁾ este mal estar que se manifesta como um incômodo, situa-se na exigência do prazer imediato, indispensável, totalizante e que se manifesta de várias formas, dentre elas, a violência, o desenvolvimento de uma ideia individualista, a necessidade de sempre ter proveitos e lucros em lugar de responsabilidade e compromissos, são as mais predominantes.

Essa é a sexualidade que vem sendo estimulada, a vivência no corpo e não na pessoa. Mais preenchimento de vazio e sensação do que sentimento. Pensando se mais em quantidade do que em qualidade, surgindo, portanto nesta configuração os amplos dilemas que seguem os adolescentes contemporâneos.^(24,28)

De encontro com a sexualidade do adolescente a psicologia pretende auxiliá-lo no enfrentamento desses dilemas, os quais são resultados de uma fase conflituosa, a adolescência, acrescentada a questões contemporâneas que muitas vezes fazem com que não só o adolescente, mas também a sua família se perceba sem ações, cheios de dúvidas e inquietações.

Sendo assim Poian⁽³⁵⁾ relata que cabe ao psicólogo auxiliar o adolescente a compreender o mal-estar que o envolve, levando-o a entender que este provem da sua história pessoal e das determinações sociais, ou seja, o mal-estar não é atravessado apenas pelos fantasmas de sua história mas por relações sociais múltiplas que o ultrapassam e dos quais ele é um efeito. “Todavia esta implicação do particular no coletivo não exclui sua responsabilidade na luta para assumir a si próprio e seu desejo singular.” Garcia⁽³²⁾ enfatiza que é importante tomar consciência da diferença existente entre o que desejaria ser - Eu-Ideal - e o que realmente é - Eu-Real.

O psicólogo promove o espaço para uma escuta diferenciada, ajudando o adolescente a abrir caminhos rompendo barreiras, sabendo diferenciar seus pontos de impossibilidade de outros pontos que também o constituem, indicando o caminho do desejo, libertando o de sua alienação, fazendo incidir a dimensão do novo e da incompletude através da palavra,

apropriando-se de suas enunciações e responsabilizando-se por seu desejo, visando tornar-se mais dono de sua escolha.^(31,35)

5 CONCLUSÃO

Nesta pesquisa pode-se perceber que a sexualidade é um dispositivo histórico-social, permeado por questões e características que atravessam gerações e modificam-se lentamente ao longo dos tempos. Devido a essas modificações pode-se assinalar o surgimento de uma nova sexualidade, a qual passa por um momento difícil, pois sofre atualmente a inovação dos valores sexuais os quais trazem diversos dilemas.

O adolescente é o alvo mais vulnerável desses dilemas, pois de acordo com os aspectos abordados pode-se perceber que a sexualidade do adolescente insinua principalmente na convivência com o corpo, com a mente e com as pessoas com quem se relacionam.

A cultura do corpo, do consumismo, acrescentada ao luto da perda do corpo infantil e dos pais imaginários faz com que o adolescente manifeste o possível sentimento de culpa através de um mal estar, sendo este um incômodo do qual o adolescente ignora seus próprios desejos, buscando uma uniformidade com o outro, a qual com o tempo ele percebe ser impossível alcançar.

No entanto, cabe ao psicólogo como articulador de mudanças, criar um espaço de comunicação, liberdade e respeito, onde através da palavra o indivíduo tome consciência de si, tornando-se responsável pelos seus próprios desejos e libertando de sua alienação, um espaço onde ele aprenda a se cuidar, se conhecer e se valorizar.

Faz-se necessário uma grande reflexão e possíveis estudos a cerca deste tema, visto que ainda há muito a se dizer e a ser desvendado, considerando que atualmente existem diversas lacunas a serem preenchidas devido ao assunto ser extenso.

REFERÊNCIAS

1. BRAGA, M. R. Adolescência e educação sexual: desafio para o novo século. In: CONSTANTINO, Elizabeth Piemont. Um olhar da psicologia sobre a educação: diagnóstico e intervenção na infância e adolescência. São Paulo: Arte e Ciência, 2003:147-164.

Volume 1, Número 1 – Abril, 2015.

2. FREITAS, K. R.; DIAS, S. M. Z. Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. *Texto Contexto Enferm. Florianópolis*. 2010;19(2):351-357. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v19n2/17.pdf>
3. CANO, M. A. T.; FERRIANI, M. das G. C.; GOMES, R. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. *Rev. Latino-am. Enfermagem, Ribeirão Preto*. 2000;8(2):18-24. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v8n2/12413.pdf>
4. FOUCAULT, M. História da sexualidade I: a vontade de saber. Tradução de Maria Theresa da C. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
5. ARAÚJO, M. F. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicol. cienc. prof., Brasília, DF*. 2002;22(2):70-77. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932002000200009&lng=pt&nrm=iso
6. MÜLLER, A. W. Da velha à nova família. Florianópolis: [s.n.], 2009. Disponível em: <http://www.awmueller.com/terapiafamiliarcasal/velhanovafamilia.htm>
7. TREVISAN, R. A sexualidade humana: uma visão histórico-social. s.d. Disponível em: <http://www.ritatrevisan.com.br/pdf/artigos/a-sexualidade-humana.pdf>
8. LOYOLA, M. A. A antropologia da Sexualidade no Brasil. *Physis: Rev. Saúde coletiva*. Rio de Janeiro. 2000;10(1):143-167. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v10n1/a07.pdf> Acesso em: 12 mar. 2012.
9. PEREIRA, C. P. A sexualidade na adolescência: Os valores hierárquicos e igualitários na construção da identidade e das relações afetivo-sexuais dos adolescentes. Dissertação (Mestrado em saúde pública) - Fundação Oswaldo Cruz, Petrópolis, 2002. 87 f. Disponível em: <http://teses.icict.fiocruz.br/pdf/paulocm.pdf>
10. HEILBORN, M. L. Entre as tramas da sexualidade brasileira. *Estudos Feministas, Florianópolis*. 2006;1(14):43-59. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2006000100004&script=sci_arttext
11. LOURO, G. L. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <http://www.ufscar.br/cis/wp-content/uploads/Guacira-Lopes-Louro-O-Corpo-Educado-pdf-rev.pdf>
12. TEIXEIRA, J. M. A nova sexualidade I: Editorial. 2006;8(1). Disponível em: http://www.saude-mental.net/pdf/vol8_rev1_editorial.pdf
13. CARNAÚBA, M. É. C. Marcuse e a psicanálise: uma análise do sentimento de culpa. *Revista Urutagua: revista acadêmica multidisciplinar, Maringá*. 2004(10):01-09. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br/010/10carnauba.pdf>

14. PIMENTA, M. C. et al. As pesquisas sociais sobre sexualidade e AIDS no Brasil: entre a demografia e a cultura sexual (1980-2000). Rio de Janeiro, 2001 Disponível em: http://www.abiaids.org.br/_img/media/anais%20pesquisa%20em%20DST%20AIDS%2002.pdf
15. COUTINHO, Luciana Gageiro. O adolescente e os ideais: questões sobre um mal-estar contemporâneo.. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 2. 2005, São Paulo. Proceedings online. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000200021&lng=en&nrm=abn
16. CARIDADE, A. O adolescente e a sexualidade. In. Ministério da Saúde. Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento, Brasília, DF. 1999:206-211. Disponível em: <http://www.adolec.br/bvs/adolec/P/cadernos/capitulo/cap20/cap20.htm>
17. AZEVEDO, L. S. Compreendendo os sentimentos do adolescente em seu processo de iniciação sexual. Dissertação (mestrado em enfermagem) – Universidade Federal de Minas UFMG. Belo Horizonte, 2007. 108f. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/GCPA738H33/1/leticia_soares_d_e_azevedo.pdf
18. SAVIETTO, B. B.; CARDOSO, Marta Rezende. Adolescência: ato e atualidade. Revista Mal-estar E Subjetividade, Fortaleza. 2006;6(1):15-43. Disponível em: http://teses.ufrj.br/IP_M/BiancaBergamoSavietto.pdf
19. LEPRE, R. M. Adolescência e construção da identidade. 2003. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=395>
20. FERREIRA, M.; NELAS, P. B. Adolescências... Adolescentes.... Millenium: Revista do ISPV, Online. 2006;(32):141-162. Disponível em: <http://www.ipv.pt/millenium/Millenium32/11.pdf>
21. GARRITANO, E. J.; SADALA, G. Adolescência e contemporaneidade. Trivium: estudos interdisciplinares, Rio de Janeiro. 2010;2(1):340-345. Disponível em: <http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-i-ano-ii/comunicacao-pesquisa/com-pq1-adolescencia-e-cont.pdf>
22. GROSSMAN, E. A adolescência através dos tempos. Adolescência Latinoamericana, Porto Alegre. 1998;2(1):68-74. Disponível em: <http://ral-adolec.bvs.br/pdf/ral/v1n2/p03v01n2.pdf>
23. OUTEIRAL, J. Adolescer. 3. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.
24. CRUZ, A. C. N.; OLIVEIRA, Sílvia Michele Paiva de. Sexualidade do adolescente: Um novo olhar sem mitos e preconceitos. Belém, 2002. Disponível em: http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/sexualidade_do_adolescente.pdf

25. MELO, C.. Adolescência e Formação da Identidade em Erik Erikson. 2009. Disponível em: <http://artigos.psicologado.com/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/adolescencia-e-formacao-da-identidade-em-erik-erikson#ixzz1vC1WQikc>
26. TAQUETTE, S. R. Sexualidade na adolescência. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Saúde do adolescente: competências e habilidades. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008. Cap. 5 p. 205. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/multimedia/adolescente/textos_comp/tc_14.html
27. ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. Juventude e sexualidade. Brasília: Unesco Brasil, 2004. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133977por.pdf>
28. _____. Sexualidade e medicina: a revolução do século XX. Cad. Saúde Pública. Rio de Janeiro. 2003;19(4):875-884. Disponível em: <http://www.scielosp.org/pdf/csp/v19n4/16839a.pdf>
29. COSTA, M. C. O. et al. Sexualidade na adolescência: desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção. Jornal de Pediatria, Rio de Janeiro. 2001;77(1):217-224. Disponível em: <http://www.jpmed.com.br/conteudo/01-77-S217/port.pdf>
30. JUSTO, J. S. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. Revista do Departamento de Psicologia - UFF, Rio de Janeiro. 2005;17(1):61-77. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v17n1/v17n1a05.pdf>
31. FOGLIETTI, C. Adolescência e mal-estar na cultura contemporânea. In: VI congresso nacional de psicanálise e do XV encontro de psicanálise da UFC, 2001, Fortaleza. Mesa redonda. Fortaleza: Online, 2001:01 - 07. Disponível em: <http://www.psicanalise.ufc.br/hot-site/pdf/Mesas/09.pdf>
32. GARCIA, D.C.D. transgressões humanas: pecado e sentimento de culpa. 2006. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=874>
33. FREUD, S. Atos obsessivos e práticas religiosas. In: GARCIA, D.C.D. transgressões humanas: pecado e sentimento de culpa. 2006. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=874>
34. FREUD, S. O Mal Estar na Civilização. In: CARNAÚBA, M. É. C. Marcuse e a psicanálise: uma análise do sentimento de culpa. Revista Urutáua: revista acadêmica multidisciplinar, Maringá. 2004(10):01-09. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br/010/10carnauba.pdf>
35. POIAN, C. O mal-estar contemporâneo: buscando saídas. Cad. Psicanál.-CPRJ, Rio de Janeiro. 2011;33(24):30-39. Disponível em http://www.cprj.com.br/.../13_cp_24_o_mal-estar_contemporaneo.pdf